

Sob o signo da liberdade

Eleição Presidencial **Oswaldo Peralva**

O afastamento de Silvio Santos, por decisão unânime do Tribunal Superior Eleitoral, da disputa pela sucessão do Presidente da República, elimina o perigo de que a partida definitiva do jogo se travasse somente numa metade do campo — na metade conservadora. Em outras palavras, se a candidatura do proprietário do SBT tivesse sido mantida, a batalha no segundo turno decerto seria entre ele e Fernando Collor de Melo.

Agora, salvo fato novo, bastante improvável, o eleitorado terá de escolher, na fase final, entre Collor e um dos três candidatos de esquerda ou centro-esquerda — Lula, Brizola, Covas.

A três dias da boca das urnas, já se pode tirar algumas conclusões. Uma delas é que a campanha transcorreu em clima civilizado, sendo raros os casos de violência grave e de destemperos verbais. Is-

so num pleito que afetou dezenas de milhões de pessoas, através dos meios eletrônicos de comunicação e também do contato direto dos candidatos com o povo nos comícios.

A participação na eleição é a mais ampla possível, dispondo do direito de votar até os analfabetos, o que é de justiça, pois eles se instruem suficientemente sobre política, através do rádio e, sobretudo, da televisão. De outro lado, houve efetiva liberdade para as candidaturas, de tal modo que não só representantes do capitalismo, como Collor, ou das classes médias, como Covas, mas também um líder sindical como o metalúrgico Lula têm chances de chegar à Presidência da República.

O ato do TSE, ao fulminar as pretensões de Silvio Santos, não constitui exceção a esse quadro, pois se trata de interpretação da lei — apontando causas de inelegibili-

dade do candidato e de irregularidade no registro do partido que lhe deu abrigo.

Após quase três décadas sem eleição direta para presidente da República, com boa parte desse tempo vivendo os parlamentares privados da dignidade de sua função, sujeitos a cassações arbitrárias de seus mandatos, intimidados pelos representantes do autoritarismo, com os governadores de Estado eleitos por via indireta, previamente escolhidos pelos donos do poder central — depois de tudo isso, a campanha eleitoral que ora se encerra é motivo de orgulho cívico para todos nós.

Quem quer que seja vitorioso, de esquerda ou direita, progressista ou conservador, vai encontrar pela frente mais dificuldades que os doze trabalhos mitológicos impostos a Hércules. E tem de lutar, para vencê-las, sob o signo da liberdade. Isso é o que mais importa.